



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS  
PROJETO SEGUNDO TEMPO**

**JEFERSON MATOS DE COLARES  
(depoimento)**

**2010**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias – Segundo Tempo

**Número da entrevista:** E-138

**Entrevistado:** Jeferson Matos de Colares

**Nascimento:** 26/06/1983

**Local da entrevista:** UFMG – Belo Horizonte/MG

**Entrevistadores:** Silvana Vilodre Goellner

**Data da entrevista:** Não informado.

**Transcrição:** Grasiela Alves de Castro

**Conferência Fidelidade:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Copidesque:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Pesquisa:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Fitas:** Gravador digital.

**Total de gravação:** 12 minutos e 21 segundos.

**Páginas Digitadas:** 5

**Catálogo:** Vera Maria Sperandio Rangel

**Número de registro:** 02141/2010/01

**Observações:** Após leitura, o entrevistado alterou alguns trechos do depoimento.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

COLARES, Jeferson Matos de. *Jeferson de Colares (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

## **Sumário**

Início do envolvimento com o Projeto Segundo Tempo Universitário; metodologia de ensino; proposta junto às modalidades de futsal e handebol; opção por não dividir as turmas por sexo; importância do projeto para a comunidade universitária; contribuição na sua formação profissional; utilização do projeto como forma de produção científica.

S.G. – Agora eu vou conversa um pouco com o Jeferson que trabalha no Projeto Segundo Tempo universitário aqui na UFMG<sup>1</sup>. Jeferson, quando que iniciou o teu trabalho junto com o Projeto Segundo Tempo?

J.C. – Eu iniciei no Programa Segundo Tempo há três ou quatro meses, no início do semestre, e comecei só com futsal. Com a proposta de utilizar o PST para eu fazer a pesquisa para monografia, surgiu o interesse de elevar o Programa Segundo Tempo à questão da produção científica que é importante, dá um *status* maior junto com o Ministério da Educação, e também aliar a minha atividade do Projeto Segundo Tempo junto, me ajudando na pesquisa. Então, também peguei o handebol que era um dos parâmetros que eu iria utilizar.

S.G. – Tu és estudante de que semestre da Educação Física?

J.C. – Eu estou no último. Formando-me agora.

S.G. – E como vocês desenvolvem – um pouco que você vinha me falando antes – como vocês desenvolvem esse trabalho com o Projeto Segundo Tempo? Como é essa experiência de aprendizagem para quem está praticando?

J.C. – Como eu utilizo o Programa da Escola da Bola (Kroger e Roth, 2002) como protocolo, e algumas propostas da IEU (Iniciação Esportiva Universal) do professor Pablo<sup>2</sup> e do professor Rodolfo<sup>3</sup>. Então, acaba que alguns dos alunos, às vezes, contestam: “Mas para que eu vou utilizar?”. Só que, com a aplicação disso nos jogos, eles passam a entender a importância de algumas das atividades. Por exemplo, nós trabalhamos as estruturas funcionais: um contra um, dois contra dois. E eles falam: “Mas isso não é jogo” e eu falei: “Esses detalhes que vocês estão treinando, vão ser aplicados durante o jogo”. Porque, durante um jogo coletivo ou de handebol: seis contra seis em linha, ou futsal que se tem quatro contra quatro em linha, existem sempre situações de um contra um, ou dois contra dois, um contra zero, porque nunca vai existir uma situação de seis contra seis, de quatro contra quatro. As situações são sempre situações isoladas, porque a mente humana não tem

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Pablo Juan Greco.

capacidade de averiguar um coletivo enorme de pessoas e aplicar uma situação de jogo a várias. Por exemplo, um jogo é uma guerra, tem várias batalhas acontecendo. Você tem que enxergar o todo para ter noção do geral, e saber enxergar as diferentes situações que estão acontecendo para atuar de fato.

S.G. – Eu imagino que, quem vê o oferecimento de uma disciplina como o handebol, chega porque quer jogar o handebol, treinar o handebol, formar equipes de handebol, competir handebol. Como é essa negociação com essa outra proposta com os alunos? Acho que tem que convencê-los um pouco de que é importante passo a passo, que isso aqui não é um espaço para um treinamento de uma equipe, mas é uma outra proposta pedagógica que está sendo colocada em prática.

J.C. – Pelo fato de já existir uma equipe de handebol e uma equipe de futsal dentro da Universidade, acaba que eles tomam realmente o Projeto de Segundo Tempo como espaço de aprendizado. Essa parte é tranquila. O pessoal do futsal queria treinar. Então, eu criei a equipe de futsal do primeiro período e eles começaram a treinar. Então, acabou essa vontade de jogar para competir e começaram a perceber que o Projeto Segundo Tempo Universitário funciona como uma disciplina optativa em que se cumprem créditos. É necessário ter uma determinada conduta. Ela tem uma proposta que deve ser cumprida e a proposta não é o alto rendimento, não é a competição.

S.G. – Você trabalha como monitor em duas atividades: futsal e handebol. E a adesão? Por exemplo, no handebol, que parece não ser um esporte tão praticado, a adesão é grande?

J.C. – Tem uma adesão muito boa, o pessoal do handebol...

S.G. – São todos homens? Tem alguma menina? É misto?

J.C. – Tem muitas meninas. As atividades são misturadas, porque tanto pela proposta da Escola da Bola, da IEU, tanto pela proposta do Segundo Tempo, não existe essa diferenciação, principalmente, porque a proposta é o aprendizado da modalidade. As pessoas absorvem muito bem isso. Tem um momento de dificuldade em que eles jogam a

---

<sup>3</sup> Rodolfo Novellino Benda.

bola muito forte quando as meninas estão no gol, mas são momentos isolados. Na maioria dos casos, eles aceitam muito bem isso, não tem nenhum problema com isso. Inclusive, quando as meninas não têm muita habilidade, alguns deles até encorajam, tentam colocar as meninas para jogar. E as meninas estão melhorando muito. Hoje você tem um certo nivelamento em determinadas ocasiões e, tem horas, que na hora de escolher o time, algumas meninas são escolhidas primeiro.

S.G. – Isso é muito bom, porque eu tenho trabalhado no programa Segundo Tempo com a questão de gênero, que é uma preocupação que o programa tem, principalmente, da inclusão. Muitas vezes, as meninas não são tão incluídas quantos os meninos, por questão de habilidade, por questão muito mais cultural. Então, eu acho muito positiva que uma atividade como, por exemplo, o handebol que, a princípio possa parecer mais violenta, que exige mais velocidade, incorpore a prática de meninos e meninas fazendo juntos. Queria que tu me falasses um pouquinho também do que tu achas que esse programa é importante em termos de políticas públicas para o Brasil, de acesso ao esporte, ao esporte diferenciado? Tu estás dentro do projeto, está trabalhando com as pessoas. Como que tu vê a importância desse projeto, agora que está terminando o curso de educação física?

J.C. – Se eu fosse falar dessa importância, iria falar tanto, porque, dentre várias coisas, tem a utilização do esporte para promoção da saúde que é extremamente importante. O número de sedentários no Brasil vem crescendo de forma assustadora. Tem a questão da utilização do esporte como um veículo de conscientização pedagógica, sobre a questão de cooperação, do trabalho em equipe que são extremamente importantes. E com essa questão da pessoa hoje, na minha geração, que cada um é criado dentro de seu quarto com a sua televisão e cada um com seu espaço, o individualismo está crescendo muito. O esporte coletivo tende a trabalhar a questão de saber compartilhar, de dar a oportunidade ao outro. Tem a questão do esporte sim, competitivo universitário, porque isso desperta em muitos a vontade de competir. Então, acaba que eles querem competir. Aí entra a questão do rendimento e a questão: “Investir ou não no esporte competitivo universitário?”. A competição escolar universitária vem crescendo. Aqui, em Belo Horizonte, cresceu muito. Então: “Investir ou não?”, “investir como?”, “de onde vão sair esses fundos?”. Alguns até correm atrás de patrocínio, porque ainda não existe verba disponível para isso, não existe uma conscientização, até dentro do próprio poder público, da importância disso. Aí esse

projeto talvez funcione como piloto para o poder público, para saber: “Se o projeto está dando certo, porque nós não iremos investir no esporte de alto rendimento dentro da Universidade?”.

S.G. – E para tua formação? Tu estás concluindo o curso de educação física. Tu já conhecias o Projeto Segundo Tempo antes de trabalhar com ele? E trabalhando, o que esse projeto te trás de novo, de diferente? Que contribuição ele tem na tua formação profissional?

J.C. – Conhecia, mas não conhecia a fundo, não sabia como funcionava. A contribuição é enorme. No meu caso, eu dei aulas de natação por muito tempo. Então, eu não trabalhava com coletivo. Então, voc e aprende a lidar com muitas pessoas. Quando existe uma discordância,   uma discordância coletiva,   voc e contra trinta. Voc e aprende a trabalhar a avalia o psicológica coletiva. Voc e tenta caracterizar o grupo: como que o grupo está como uma unidade? Então, está sendo importante em diversas áreas. Por exemplo, eu nunca tinha trabalhado com handebol antes. Estou tendo que aprender o handebol na marra e, para mim, está sendo  timo. Estou utilizando conceitos t ticos do handebol dentro do futsal, fazendo essa permuta de conhecimentos. Para mim, está sendo excelente. Eu acho que, para qualquer estudante de educa o física, trabalhar com o Projeto Segundo Tempo,   extremamente importante. E o Segundo Tempo Escolar também, porque para qualquer um que quer trabalhar com adulto tem que saber trabalhar com criança e vice versa,   importante trabalhar com todos os nichos. Tem a questão cultural das idades, o pessoal   mais velho: “Eles foram crianças quando?”, “as crianças estão hoje sobre quais valores, quais conceitos sociais?”. Então, acaba que isso   muito importante para que voc e saiba reconhecer diferentes nichos, saiba trabalhar com pessoas de diferentes idades. E saiba também, trabalhar com o coletivo. Então, o Programa Segundo Tempo está sendo muito importante em várias questões.

S.G. – Pelo que o Pablo acabou de me explicar, voc es estão fazendo pesquisas, estão filmando as atividades para entender os processos de aprendizagem. Tu também estás envolvido nessa pesquisa? Tua monografia vai ser sobre o Projeto Segundo Tempo, ou sobre esse processo de aprendizagem?

J.C. – Sim. A minha monografia está utilizando o público do Programa Segundo Tempo como amostra e, dentro do Programa Segundo Tempo, a utilização da Escola da Bola e da Iniciação Esportiva Universal. E foram feitos pré-testes para avaliar como eles estão, e são feitos dezesseis treinos. Nesses dezesseis treinos, depois são feitos pós-testes para avaliar aonde eles chegaram. E para saber, com a utilização desses protocolos, com essa quantificação dos exercícios, se deu certo ou não e por quê. A maioria é iniciante, não tem um conhecimento de quase nada das modalidades, principalmente, o futsal feminino em que nós estávamos assistindo e dá para perceber que, a grande maioria, é bem iniciante. E no handebol também. Já o futsal tem alguns que estão além, mas são quatro ou cinco no máximo. A maioria que veio para o Segundo Tempo quer aprender a jogar, não veio para competir. A maioria são pessoas iniciantes. Então, dá para utilizar essa questão da iniciação esportiva dentro do Projeto Segundo Tempo. A partir desses resultados, nós vamos avaliar aonde se chegou, porque, e isso serve para aumentar a importância do Projeto Segundo Tempo. Vai chegar lá no Ministério e vão falar: “O Projeto Segundo Tempo está servindo inclusive para produção científica, para construção do conhecimento”. Olha o quanto isso é importante.

S.G. – Na fala do Amauri Bassoli<sup>4</sup>, coordenador pedagógico, era ressaltado exatamente isso: como ele achava que a importância do Projeto Segundo Tempo estava dando um retorno para os jovens universitários, contribuindo também na sua formação. Isso que você acaba de me dizer, agora ouvindo a tua fala que é um estudante que está envolvido, acho que direciona nesse sentido. Não sei se tu queres falar mais alguma coisa. Se não, queria te agradecer pela disponibilidade de conversar conosco. Teu depoimento vai ficar no registro da memória do Segundo Tempo.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>4</sup> Amauri Bassoli de Oliveira